

SOLIDÃO QUE NADA

Luiz Alberto dos Santos

Pego papel e caneta. O toca-discos girando.
Te escrevo uma carta.

Gosta de Debussy? Escrevo devagar, com preguiça. Pulso baixo, silenciosamente. Desejaria um vale com flores pequenas, cheio de perfumes e suavidades e contemplações. Tranqüilidade. Diluição das violências. Doçura de tons. E Monet? Renoir? Queria ficar aqui deitado, ouvindo a lentidão desses sons, rabiscando sem pressa o papel, deslizando em imagens plácidas. Onírico. Flutuações de fantasias. Nuvem, espuma, zéfiro. O corpo cansado, estendido, repousa. Movimentos sutis. Queria deixar-me, assim, quieto, delicado. Ficando.

Olho o relógio. O horário do almoço se esvai.

**Porém: trabalhar. A gente se empurra tanto, não é?
Abruptos.**

Tento me recordar de sua fisionomia,

Seu rosto se transformou num quadro impressionista. Linhas difusas, semi-tons, oscilações, indefinições. Escorrego na imprecisão da memória. Tobogã aquático.

de sua voz,

**A voz ainda é grave e quente. Soando boa de ouvir.
Carícia musical.**

de nós dois.

**Nossos corpos. Aquela noite primeira, única, última.
Nossas presenças. Afetividade discreta. Lembra-se?
Mãos.**

Olho pela janela do quarto.

Estou me arrastando nessa segunda-feira sem brisas.

Tento pensar: por onde andará você?

**São Paulo deve ser cheia de luzes, cheia de ruas e prédios,
apartamentos e quartos. Você no meio dessa cidade infinita.
Luzes que brilham.**

Olho para o envelope eternamente em branco.

Escreva.